

## MEDO DO EU – DAR E RECEBER

Saudações, queridíssimos amigos. Que esta noite possa ser mais uma vez proveitosa e fortalecedora para todos vocês e assim se transforme na bênção que abre ainda mais o caminho de autocohecimento. Para concretizar aquilo que vocês verdadeiramente são, o pré-requisito fundamental é a falta de medo. Toda espécie de medo significa, em última análise, medo do eu. Pois se não houver medo nenhum do eu mais profundo não poderão temer coisa alguma na vida. Portanto, não poderão temer nem a morte. O medo do eu é a chave! Antes de entrar num caminho intensivo de auto-exame, o ser humano não sabe que na verdade teme apenas suas próprias profundezas desconhecidas. Ele projeta esse medo real em uma série de outros medos exteriores, podendo ou não tomar ciência disso no decorrer de sua vida. Pois esses medos projetados e deslocados podem muito bem ser negados e encobertos. Uma pessoa pode, por exemplo, ter medo de qualquer aspecto específico da vida. Todo o poder de seu medo oculto do eu pode ser canalizado e concentrado em determinados medos específicos. Ou ele pode temer a vida como tal e assim evitá-la, pois evita o eu na medida em que tem medo dele. O medo geral da vida pode ainda ser projetado no medo da morte, já que de fato vida e morte são uma única coisa. Quem teme uma necessariamente teme também a outra.

Somente quando este trabalho do caminho adquire foco e sua percepção aumenta o suficiente vocês percebem de fato que o que mais temem é vocês mesmos. Reconhecem esse medo por causa das restrições que se impõem, por todas as formas mais ou menos evidentes de resistência, pelo pavor de abrir mão das defesas e permitir a expressão de seus sentimentos naturais. O grau de proteção e de bloqueio da espontaneidade e da naturalidade não é claro no princípio. Essas proteções passaram a ser uma segunda natureza, a ponto de nem mesmo saberem que não são naturais e que poderiam ser muito diferentes. A sua incapacidade de se deixar guiar pelas forças involuntárias é um sinal do quanto desconfiam do eu mais profundo.

Dando continuidade à última palestra, quero ressaltar que qualquer pessoa que restrinja os movimentos naturais da alma age assim porque tem medo deles, tem medo de onde eles poderiam levá-la, o que poderiam levá-la a fazer. Qualquer pessoa que tenha consciência desse medo já deu um passo substancial no sentido de sua libertação, pois se o medo do eu não for conscientizado, não poderá ser superado.

O medo de se soltar significa que o eu real não pode se manifestar. Ele só pode se manifestar como expressão espontânea. Tal espontaneidade existe, por exemplo, quando o conhecimento se manifesta intuitivamente no seu íntimo e não por um processo de aprendizado de fora. Somente a pessoa que não teme a si mesma, pelo menos em certo grau, pode registrar, e ter a coragem de reconhecer e seguir as manifestações intuitivas, espontâneas do ser interior. Os verdadeiros artistas e os grandes cientistas fazem suas importantes descobertas mediante esse processo. A esse respeito, eles não têm nenhum medo do eu interior. Em outros aspectos, é possível que também o bloqueiem.

A manifestação do eu real é sempre um processo profundamente criativo, quer se aplique ao conhecimento intuitivo ou à plenitude e à profundidade de sentimentos que tornam a personalidade vibrantemente viva e alegre em todos os níveis de seu ser.

O medo de não estar de acordo com o ambiente é outro aspecto do medo do eu. Pois a realidade interior pode ser diferente do ambiente exterior. Os valores reais do eu podem ser diferentes dos valores da sociedade. Somente quem não teme seu eu interior recusa os valores prontos que lhe são transmitidos. Os valores exteriores, sejam certos ou errados, constituem grilhões quando não são livremente escolhidos.

Um dos aspectos mais importantes do medo do eu é o medo do prazer. A entidade foi criada com o propósito de sentir prazer supremo, alegria intensa. Isso absolutamente não acontece com a maioria das pessoas. A pessoa realmente saudável e realizada, que funciona como deve funcionar de acordo com suas capacidades inatas, pode entregar-se totalmente à força vital como se manifesta nela, com suas correntes de prazer. Ela expressa espontaneamente essa força poderosa – não a teme, não a rejeita. Isto vivificará todo seu sistema com uma bela força, energia e deleite.

Aquele que é prisioneiro da proteção e da defensividade, que está constantemente se vigiando para que essas forças não possam se expressar, se entorpece em maior ou menor grau. Fica amortecido. A manifestação predominante neste mundo, atualmente não mais do que em outras épocas, é o que pode ser chamado de autoalienação, ou falta de vida, ou desconexão. É um amortecimento que também traz em sua esteira a sensação de vazio e falta de sentido. É um amortecimento porque a força vital com seu fluxo vibrante é deliberadamente interrompida e impedida por uma atitude do eu exterior excessivamente vigilante e em negação.

O ser humano comum possui certa vivacidade, pelo menos em algumas ocasiões, mas também isso é inibido em comparação com o que poderia ser a vivacidade plena que, mesmo se houvesse palavras para defini-la adequadamente, pareceria incrível. Uma pessoa assim nem mesmo sabe como poderia funcionar e o que sua vida poderia ser. Tem apenas um vago anseio, uma vaga sensação de que a vida poderia ser diferente. Infeliz é aquele que atribui seu anseio à ilusão, à falta de realismo e que por isso se resigna a uma vida meio morta, supondo que é assim que deve ser. E feliz é aquele que tem a coragem de reconhecer seu anseio, mesmo que em uma etapa tardia da vida, e começa a permitir a possibilidade de tal anseio ser justificado e significar que sua vida pode lhe proporcionar muito mais. E a vida pode proporcionar muito mais se vocês se tornarem vivos. Vocês só começam a viver na medida em que superarem o medo do eu.

Agora meus amigos, vamos examinar esse medo do eu, mais de perto. Por que o ser humano tem medo de que, se não se proteger e mantiver a vontade e a mente sob constante vigilância, algo perigoso poderia acontecer? Esse algo perigoso se manifestaria a partir da profundidade espontânea do seu ser. O que é? Fundamentalmente as possibilidades são duas, se as reduzirmos ao mínimo denominador comum. Existe a possibilidade de que aflore algo negativo e destrutivo. E existe a possibilidade de que aflore algo criativo, construtivo, expansivo e agradável. Não é verdade, como se poderia supor à primeira vista, que apenas a primeira hipótese inspire medo. Embora seja, é claro, uma razão de peso para a restrição com que a pessoa impede o livre fluxo dos movimentos da alma, o fluxo cósmico, como se manifesta em cada ser humano criado, se não for travado, manipulado, se não houver interferência. As forças destrutivas que a pessoa teme passam por todos os graus possíveis de ódio, hostilidade, ressentimento, raiva, irritação, crueldade. Esses sentimentos existem em

todo ser humano. Existem na medida em que as expressões positivas foram proibidas – primeiramente pelos pais e pelo ambiente, na crença ignorante de que tais expressões positivas são prejudiciais e podem resultar em perigo, e mais tarde pela própria pessoa. É muito importante entender isso, meus amigos. Uma vez que se tornam adultos, seu passado não pode representar uma proibição. São vocês mesmos que criam as proibições quando continuam a conter as forças construtivas que, inicialmente, foram proibidas por outros.

Aqui também encontramos um dos famosos círculos viciosos que resultam de todo erro, de toda maneira errônea adotada na vida humana. Como as forças positivas são contidas, as negativas crescem. Ou, para dizer com maior exatidão, a força positiva é deformada, perturbada, transformada, distorcida, tornando-se assim negativa. Não é uma força diferente que começa a existir, como sabem. A raiva não é uma emoção ou corrente de energia nova. Ela é feita da mesma substância original que o amor, e pode voltar a se transformar em amor, se permitirmos. De fato, é fácil para esta energia voltar à sua forma de manifestação original, pois é sua forma natural. Por exemplo, uma vez que a raiva é admitida e plenamente experimentada, de uma maneira que não seja destrutiva para ninguém, nas circunstâncias adequadas e de modo que permita que a pessoa se identifique plenamente com a emoção, mantendo, porém o senso de proporção – ou seja, não rejeita toda a personalidade por causa dela – a raiva se transforma em cordialidade, sentimentos de prazer, amor. Esta transformação pode ocorrer diretamente ou indiretamente, por meio de uma série de outras emoções, como tristeza, autopiedade, dor, agressão saudável e assertividade, etc. Todas essas correntes de energia precisam ser vivenciadas e assumidas. É preciso permitir que elas existam naquele momento, desde que existam naturalmente. Nesse caso, e somente então, o que não é natural e é destrutivo pode se transformar.

Vamos voltar agora ao círculo vicioso, quando a pessoa evita o procedimento saudável aqui descrito. Quanto maior a raiva, pior se tornará o medo dela. Consequentemente, mais a pessoa se protege. Quanto mais se protege, menos possibilidade tem de ser espontânea e permitir que a emoção destrutiva se transforme outra vez na corrente de prazer original.

Como eu disse, as forças destrutivas são temidas, mas muitas vezes o amor e o prazer são no mínimo tão temidos quanto ou mais ainda. São temidos porque fizeram a criança achar que são errados e perigosos. São temidos porque requerem a atitude sem defesas que confia na natureza interior espontânea. As forças do amor só podem permanecer vivas quando o eu não tem medo algum de si mesmo. Abrir mão das defesas parece uma aniquilação, porque algo, que não é o ego vigilante, passa a cooperar no processo da vida. Sem essa cooperação a vida fica empobrecida. Mas a aceitação dessa cooperação depende de encarar aquilo que é temido. Assim, num círculo vicioso, as forças do amor despertam medo porque requer abrir mão das defesas vigilantes, rígidas, fruto da premeditação, que barram totalmente a espontaneidade. Dessa maneira, a frustração e o vazio fazem aumentar a raiva e a irritação. Portanto, mais cresce o medo do eu, e assim por diante.

Este é o processo que prende as pessoas que são incapazes de dar o passo decisivo para superar as resistências de encarar em seu íntimo, o que desperta medo. É o que a maioria mais quer evitar, como se fosse uma peste. Não basta reconhecer vagamente em teoria, a existência de alguns sentimentos negativos. Não basta fazer abstrações a esse respeito. Esses sentimentos precisam ser verdadeiramente vivenciados, dinamicamente experimentados. Isto é inevitável, necessário e consiste no enfrentamento do eu, de que falamos sempre. Depois, o processo não é difícil ou perigoso como se imaginava a princípio. De fato, o alívio e a liberação, voltar à vida, são tão reais e maravilhosos

que a hesitação, em retrospecto, parece uma tolice. Quem consegue dar esse passo é verdadeiramente abençoado, pois somente então a vida começa a abrir-se. É necessário se soltar e deixar aflorar o que estiver lá, seja o sentimento que for.

Ressalto mais uma vez, para evitar qualquer mal-entendido, que isso não significa agir com base na raiva acumulada, o que resulta apenas na volta da raiva para o eu em retaliação. O que isto significa é que essas emoções precisam ser sentidas e expressas sob supervisão terapêutica de modo a não causar nenhum mal. De fato, quanto mais se reconhecem os sentimentos destrutivos e se assume a responsabilidade por eles, menos a pessoa é levada, contra sua vontade e intenção, a manifestá-los em seu ambiente. Essa manifestação é “desculpada” pela descoberta dos “motivos”. Ou então a pessoa não sabe que a intensidade de seus sentimentos é muito maior do que a situação justifica o que inevitavelmente afeta os outros, quer ou não ela admita esse fato para si mesma. A manifestação que ocorre na vida diária pode não assumir formas violentas, mas é ainda mais destrutiva, de uma maneira tortuosa e indireta. Esse fato não é devidamente avaliado e muito subestimado.

Tudo isso será evitado quando toda a força de um sentimento destrutivo for diretamente expressa e vivenciada até o fim. Quanto mais completamente isto puder ser feito, mais rápida será a transformação em sentimentos de prazer. O que acontece depois dependerá da medida em que a pessoa é capaz de vivenciar sentimentos de prazer. Isto por sua vez, dependerá de diversos fatores, alguns dos quais discutiremos.

Parte do que foi dito hoje é outra reformulação que esclarece um pouco mais o processo de temer a si mesmo. Enquanto existe o medo do eu, a liberdade e a realização da própria vida são impossíveis, meus amigos, absolutamente impossíveis. É muito melhor reconhecer o medo do eu, assumi-lo e dizer: “é aqui que estou neste momento, não consigo deixar sair o que está dentro de mim seja pelo motivo que for”, do que afastar a questão e fingir de conta que vocês não têm esse medo. Nesse caso, o medo se dá a conhecer de maneiras indiretas que continuam a racionalizar.

Neste ponto meus amigos, daremos um passo adiante e abordaremos outro tópico que tem relação direta com o que acabei de dizer. É muito importante entendê-lo. Vou mostrar a vocês um novo ponto de vista sobre alguns fatores da vida interior do homem. A psicologia postula há algum tempo, muito corretamente, que as necessidades não satisfeitas do ser humano de receber geram condições danosas em sua psique. Tem sido dada grande ênfase a esse fator. Assim como o corpo fica tolhido quando suas necessidades não são preenchidas e ele não recebe as substâncias adequadas, também a alma humana fica tolhida quando suas necessidades ficam insatisfeitas e ela não recebe as substâncias de que precisa para florescer – amor, afeto, cordialidade, aceitação de sua individualidade. Tanto a alma como o corpo precisam prazer. Sem ele, a pessoa fica aleijada, seu crescimento é tolhido. A criança impotente depende dos outros, do mundo exterior, para suprir suas necessidades.

Dá-se pouquíssima ênfase e pouquíssima atenção à importância de dar. A frustração resultante de não ter recebido o suficiente foi exageradamente enfatizada nas últimas décadas, enquanto a frustração de não dar o suficiente foi muito desconsiderada. Já se afirmou, corretamente, que quem não recebeu o suficiente na infância teria dificuldade em dar de si mesmo, mas em geral não passa disso. É muito mais fácil curar o dano provocado por ter recebido de menos quando a pessoa percebe que ela não é impotente em relação ao passado, que possui forças capazes de instaurar um novo equilí-

brio, mas isso só pode ser feito depois de entender a dor muito pior da frustração que ocorre quando ela não dá o que tem.

Esse excesso de ênfase sobre um aspecto psicológico criou uma geração de pessoas que têm pena de si mesmas e passam a vida se lamentando porque saíram perdendo, porque não receberam o suficiente na infância, e por isso são obrigadas a viver como incapazes. A capacidade de se desenvolver e dar existe sempre uma vez que se admita essa possibilidade, uma vez que ela seja levada em consideração. Grande parte da dor que existe na vida interior do homem é a dor por reter o que ele tem para dar, e uma parte muito menor é decorrente de não ter recebido o suficiente no passado. Isso é muito fácil de perceber quando se pensa friamente no assunto. Se qualquer substância, qualquer força, qualquer coisa se acumula cada vez mais, este excesso cria necessariamente mais tensão. Este excesso existe, meus amigos, quer saibam ou não, quer vocês o restrinjam e o ocultem por causa do medo ou não. Portanto, muitos sofrem tanto em resultado de não se permitirem dar, seja o que for que lamentem e gostassem de receber.

O fluxo de energia desses movimentos da alma é um continuum. É um processo permanente. Vocês precisam cooperar com esse processo para serem saudáveis e plenos, e para isso precisam permitir que esse processo se realize sem entraves. Com isso quero dizer de acordo com as leis da vida, que determinam que as forças positivas sejam dadas aos outros e que recebam dos outros o que eles deixarem fluir para vocês.

A religião enfatiza o aspecto de dar, e ensina há muito tempo que dar amor é mais abençoado do que recebê-lo. Frisa constantemente, de uma forma ou outra, a importância de amar – isto é, dar amor, misericórdia, compreensão, etc. Mas nesse caso a distorção ocorreu num sentido diferente. A distorção foi e ainda é, a de que o amor aparece como um mandamento, um mandamento piedoso, de sacrifício. Formou-se a imagem de que amar significa empobrecer-se. Amar assumiu a conotação de privação, de autossacrifício. Se a pessoa não sofre por causa do amor e pelo amor de outro, levando a pior de alguma maneira, isso não é considerado amor. O mandamento do amor passou a ser mais uma abstração e contém a ameaça de obrigar a pessoa a praticar determinados atos contra seus próprios interesses. Até hoje é exatamente esse o conceito inconsciente de amor para muitas pessoas. Não é surpresa que o homem tenha medo de amar, se o amor for pintado como algo sem prazer, sacrificante, um ato que priva e empobrece a pessoa com o intuito de que ela seja “boa” e agrade a um Deus ou a uma autoridade. Não é surpresa que o amor seja rejeitado, se os sentimentos prazerosos que ele suscita no corpo são negados e acusados de pecaminosos. Teme-se duplamente o amor. Ou a pessoa se entrega a sua manifestação espontânea, e nesse caso é “perversa”, ou corta o sentimento que constitui sua força, e nesse caso o amor se transforma em um dever desagradável.

A humanidade oscila entre esses dois extremos: continuar sendo a criança cobiçosa e egoísta, que quer apenas receber e não está nem um pouco disposta a dar, ou fazer um esforço para se adequar ao falso conceito de amor como foi descrito. Como as duas alternativas são indesejáveis, em geral o homem pula de uma para a outra, embora um dos elementos possa ser mais forte.

Somente quando se encaram com muita honestidade e discernimento é que descobrem estas duas distorções. Pois bem, como pode ser criado o fluxo saudável de dar e receber se esses conceitos e atitudes errôneas barram o caminho? O medo do eu existe fatalmente nos dois casos. Pois o impulso natural ou o ímpeto espontâneo natural é dar sem reservas – com a mesma abundância e generosidade de toda a natureza! Isso se aplica tanto ao nível exterior e material quanto ao nível mais

sutil. Quanto maior for essa doação generosa natural, menos masoquista e sofredora será a personalidade, menos privará a si mesma. Quanto mais predominar a falsa doação, por meio do próprio empobrecimento e falta de autoafirmação, tanto menos a generosidade real e o fluxo espontâneo poderão existir.

Há inúmeras ocasiões, no dia-a-dia de cada um, em que a pessoa se vê a ponto de tomar uma decisão entre reter ou dar. A questão em si pode não ser importante, mas a atitude que está por trás dela é importante. A questão pode ser se ater a velhos rancores, à velha maneira separatista que exclui os outros por ressentimento ou censura, ou permitir que desperte do âmago do eu, uma nova atitude espontânea. Essa última hipótese acontece naturalmente e não à força. A pessoa passa a ver novas realidades sobre o outro, que tornam sem sentido conservar o rancor; ela não acha vergonhoso, nem humilhante deixar de lado o orgulho arrogante; não vê “falta de caráter” em compreender e perdoar. Muitos destes “pequenos” episódios enfraquecem a postura de guardar as coisas para si, que provoca mais dor que o fato de não receber. A partir daí é mais fácil e mais natural deixar que fluam os sentimentos de cordialidade. Mas, em algum momento o eu precisa fazer essa escolha: manter a atitude antiga, excludente, restritiva, ou permitir o surgimento de uma nova força proveniente de seu íntimo, e seguir esta força. Nem é preciso dizer que esse momento de decisão precisa ser percebido. Este momento não é nunca inconsciente, no sentido de alguns materiais que são realmente inconscientes. Está bem na superfície, mas a maioria das pessoas prefere passar por cima dele, não se permitindo reconhecer esse “minúsculo momento de decisão” em relação a tantos problemas da vida cotidiana. Quando esse momento é reconhecido e efetivamente encarado, talvez tenha a aparência de um precipício. A nova maneira de ser pode parecer muito arriscada; a maneira de ser antiga, fria, separatista, quer a segurança, embora todos saibam, racionalmente, que isso não pode ser verdade, que não faz sentido. Entregar-se a essa força interior aparentemente nova parece deixar-se levar por uma grande onda desconhecida. Talvez vocês até sintam a alegria e a liberação que isso traz, mas mesmo assim, ou talvez por isso mesmo temem os desdobramentos posteriores. Se vocês se soltarem e abandonarem a atitude destrutiva, seja ela qual for, por mais disfarçada que seja sua manifestação exterior instituem uma maneira inteiramente nova de vida interior. É a cura que buscam e pela qual anseiam. É assim que ela ocorre – não de outro modo.

Quando vocês chegarem a esse ponto de observação, não serão capazes de dar esse passo imediatamente. Vão se demorar um pouco nessa posição oscilante, observando com muita clareza como excluem a si mesmos; como na medida em que se seguram restringem as forças cósmicas em sua alma e guardam a si mesmos, dificultando o fluxo de saída. Quando observarem a si mesmos nessa região limite, tomarão ciência das implicações das duas alternativas – o velho modo de ser restrito com todas as suas formulações rígidas, suas reações preconcebidas, e também o novo panorama que se descortina. Depois de algum tempo de observação, nesse momento de decisão sem pressão, mas apenas observando tudo e sabendo o que significa cada maneira de ser, finalmente terão a capacidade de deixar para trás os hábitos antigos que recusam a vida, o amor, os sentimentos, a felicidade, o desenvolvimento, a doação daquilo que têm a dar. Nesse momento, talvez vocês ainda não tenham sentimentos fortes, mas terão uma nova compreensão de si mesmos e dos outros.

Essa nova atitude aumenta constantemente, desde que não detenham o fluxo. O movimento de fluência é bonito – não pode ser devidamente descrito. Contém um mecanismo maravilhoso de autorregulação, no qual podem confiar totalmente. Na medida em que deixarem para trás e abandonarem a atitude autocentrada, egoísta, de autopiedade ou autodestruição, o medo do eu diminuirá de

maneira automática e proporcional. Algo novo começa a acontecer, vindo de dentro. Os poderes criativos começam a atuar naturalmente.

Assim deixarão de tolher a si mesmos. Deixarão de provocar frustração e dor a si mesmos, porque o imenso prazer de acompanhar esse movimento natural preencherá o seu ser. O prazer de dar e receber passará a ser possível.

Pois vocês não podem ter nenhum dos dois enquanto não adotarem essa nova atitude. Não poderão se abrir para receber se continuarem na velha postura de recusa e isolamento. Enquanto não eliminarem a restrição, será impossível dar, mas também será igualmente impossível receber. Um vaso fechado não pode ser preenchido, assim como não pode ser esvaziado. Quando se fecham e se guardam, não estão se protegendo de nenhum perigo, e sim se fechando a todas as saudáveis forças universais -- aquelas que poderiam e deveriam fluir de vocês e que poderiam e deveriam fluir para vocês.

Essa proteção empobrece e priva. Assim, é inevitável que a pessoa fique irritada. A pessoa comum encontra-se numa situação absurda, pois se fecha e se contém, se protege e se vigia excessivamente, incapaz de ser espontânea, sempre decidindo com a mente e a vontade, sem permitir que os processos criativos se manifestem. Dessa forma, frustra a enorme necessidade de fazer parte do processo criativo. Frustra a si mesma, na medida em que se recusa o enorme prazer, a delícia de ser parte do fluxo de dar e receber. Não é um prazer esotérico, de outro mundo, dissociado do corpo. É necessariamente também um prazer físico. A ironia, nesse caso, é que ficam ressentidos com o mundo, por não lhes dar. O mundo quer lhes dar -- no entanto não conseguem jamais ver o que lhes é dado. Passam cegamente pela vida, ressentindo-se por não receber, sem saber exatamente o quê. O ressentimento é maior em relação àqueles que realmente querem dar-lhes algo, que rejeitam, e assim se privam ainda mais do que quer fluir para vocês. Isso lhes ajudaria a dar, para também voltar a fazer parte do processo criativo. Em outras palavras se desligam do fluxo cósmico, criativo, de dar e receber, da constante ida e vinda, do constante movimento que ocorre no processo vital.

Meus amigos, estas palavras não são uma filosofia sem praticidade, bela, mas inviável na vida cotidiana. Não é assim. Estas palavras são da maior realidade prática, podem ser aplicadas quando vocês quiserem, em qualquer ocasião que for um “momento de decisão”, como afirmei. Essa verdade se aplica a todos os níveis do seu ser -- físico, mental, emocional e espiritual, ou seja, ao ser total. Tudo isso é uma só coisa.

O empobrecimento do homem é causado por ele mesmo, por não conseguir encarar o “momento” de que falei, recusando o que lhe é dado e o que deseja fluir a partir dele. O novo fluxo de saída quer acabar de uma vez por todas com aquele lugar apertado, restrito, ressentido, destrutivo, raivoso e rígido de onde vocês não querem arredar pé. Quem conseguir encontrar esse lugar em si mesmo, e observar a si mesmo, terá a melhor das oportunidades. Sua vontade de curar-se, de libertar-se pode fazê-lo buscar a força interior e os recursos para tomar e colocar em prática a decisão de adotar uma nova postura. Todo o medo do eu no fim desaparecerá. O medo da própria negatividade desaparecerá quando vocês a expressarem em circunstâncias apropriadas. Quando esse medo for eliminado, poderão atacar outro medo -- o medo do prazer, o medo da felicidade, o medo da realização, o medo de seguir a corrente sem restrições. Verão então, que se acostumar com a felicidade e o prazer não é difícil quanto parecia se quiserem dar o que está dentro de si. O medo só é insuportável enquanto querem apenas receber e não dar. Quem ainda está preso, consciente ou inconscientemen-

te, ao estado de recepção, fatalmente teme a realização e o prazer. Não tendo ciência dessa dificuldade com toda a sua importância e ramificações, se queixam de que o mundo os deixou insatisfeitos. Essas queixas e ressentimentos podem assumir muitas formas, tantas quanto as personalidades humanas. Muitas pessoas nem mesmo estão cientes de suas reclamações gerais contra a vida. Isso também pode ser racionalizado. Faz parte do trabalho do caminho descobrir isso em si mesmo, descobrir como vocês ficaram ressentidos e como se recusam a sair da postura negativa, porque se sentem privados. E se sentem privados porque impossibilitam a doação do muito que têm para dar, portanto, têm medo de receber e impedem essa possibilidade. Assim, ficam duplamente frustrados. A recusa em se livrar da negatividade, a recusa em dar de si mesmos torna vocês incapazes de receber prazer, deleite, felicidade – muitas vezes até sucesso material que não envolve as emoções. A grande alegria que sentem que existe fica necessariamente fora do seu alcance. Vocês não conseguem tolerá-la, os assusta exatamente porque estão encalacrados naquele ponto em que tudo o que desejam é absorver o que os outros dão. O processo não funciona assim. Toda a ênfase dada à libertação e ao bem-estar precisa ser igualmente dada à frustração de não dar e de não ser capaz de receber.

Caríssimos amigos, que essas palavras possam abrir o caminho que possibilite a passagem que vocês buscam tão ardentemente com uma parte de sua natureza, mas continuam negando a si mesmos com outra. Talvez essas palavras acendam uma chama para que possam ver e aos poucos, decidir deixar para trás tudo que barra o caminho para o seu destino. O seu destino é a completa realização e o prazer supremo.

Sejam abençoados, fiquem em paz, fiquem com Deus.

---

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação. O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation.